

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 7.º

1.º DE FEVEREIRO DE 1818.

N. 75

## LEVANTAMENTO EM MINAS GERAES NO ANNO DE 1803, (Continuação do u.º antecedente)

Escandalizados os Paulistas da mortandade, que por ordem de Amaral se tinha feito no Capão da Traição, se recolherão a S. Paulo com animo de se despicarem: e convocados os moradores, lhes propuzeraõ a desgraça succedida, as fazendas e reputação perdidas, e declarando-lhes juntamente com graves razões a tenção que tinhaõ de se vingarem, lhes pedirão adjutorio, animando-os á empreza com a efficacia que costuma subministrar a honra gravemente offendida. Foraõ ouvidos com attenção, e em breve tempo alistaraõ mil e trezentos homens, os quaes por commun consentimento elegerão para governar a todo o exercito a Amador Bueno da Veiga, dando a outras pessoas de maior supposição os postos inferiores. Fomentaraõ a empreza alguns theologos, dando por justo o titulo da guerra, e não faltou quem esquecido da paz que deixou Christo em patrimonio á sua igreja, do mesmo pulpito os animou á jornada

Naõ se obrava isto em S. Paulo com tanto segredo, que não chegasse logo ao Rio de Janeiro a noticia desta desorden; e querendo atalhar a Antonio de Albuquerque Coelho, que já tinha tomado posse do Governo, despachou a toda a pressa ao Padre Simão de Oliveira, da Companhia de Jesus, para que com autorida-

de de religioso e patricio grave pacificasse os animos, e desfizesse as tropas que já estivessem alistadas, armando-o para isso com umas cartas que dizia serem d'El Rei, nas quaes se prohibia aos Paulistas o sahirem de S. Paulo armados. Quiz tambem com os raios das censuras impedir o caminho, e atalhar os danos que se temiaõ, o grande Prelado D. Francisco de S. Jeronimo, mandando publicar um monitorio: pois não era bem que deixasse de concorrer a igreja para a desejada paz. Mas como todas estas diligencias acharão os animos taõ mal dispostos, só poderaõ esfriar o fervor de alguns, que mais tementes a Deos, e reverentes ao Rei, deixaraõ de seguir as bandeiras dos apaixonados, os quaes antes deprehenderem a jornada, imitando aos bons catholicos, quizeraõ implorar o favor divino, mandando oantar uma missa, á qual assistiu o novo Governador e seus sequazes.

Partiraõ finalmente em direitura de Tabaté, para se incorporarem com mais algumas tropas, que de outras partes esperavaõ, e oaminharaõ com tanto vagar, que em quasi vinte dias só venceraõ o caminho, que em cinco dias commodamente se pôde andar. Nesta villa se detiverão largo tempo, esperando que se unisse a gente, que pouco a pouco ia concorrendo; e querendo Deos dar-lhes a conhecer o pouco que lhe agradava a jornada, permittiu que se abrisse no convento

de S. Francisco uma sepultura, na qual se achou um cadaver incorrupto com postura de quem atira; porque tinha um joelho em terra, o braço esquerdo estendido, e o olho direito aberto. Ao horror se seguiu logo a noticia de que o sujeito fora de tão má vida, que, perdendo o respeito a Deos e aos seus ministros, com uma bala ferira o braço de um sacerdote, deixando primeiro ferida uma imagem de Christo, que elle tinha na mão. Mas como este successo não abrandasse animos tão bravos, do Tabaté caminharão para Guaratinguetá, gastando nas marchas mais de um mez.

Em quanto o exercito marchava, não descansava no Rio de Janeiro Antonio de Albuquerque, antes julgando que com a sua presença se appacarião os animos, e desfarião as inimizades, caminhou para as Minas, e encontrando no caminho a Fr. Miguel Ribeira, que com as cartas dos motadores o procurava, se alegrou muito, festejando, como era bem, aquella offerta. Chegou finalmente acompanhado de dois capitães, dois ajudantes, e dois soldados ao Çaceté, aonde estavaõ as pessoas de maior supposiçãõ das Minas, compondo umas discordias, que entre Manoel Nunes e os moradores do Rio das Velhas se tinhaõ originado: e sendo logo reconhecido por Governador, se retirou Manoel Nunes com beneplacito seu para as suas fazendas do Rio de S. Francisco, continuando Antonio de Albuquerque, que com o seu governo creou ministros de justiça e officiaes de guerra, confirmando a maior parte dos que tinha creado seu antecessor; e tanto que fez o que julgou necessario para a paz e bom governo daquelles povos, caminhou para S. Paulo com animo de pacificar tambem os Paulistas.

Mas antes de chegar a Guaratinguetá, onde já havia cinco ou seis dias que se deitava o exercito, correu voz que tendo o novo Governador vizitado as Minas,

e deixado em paz os forasteiros, caminava para S. Paulo; e como necessariamente se havia de encontrar com elles; determinaraõ rebel-o cortezmente: e tanto que o virãõ, apuraraõ as leis da boa policia. Animado com tanta benevolencia, tratou da paz, mas elles a não admittiraõ, persuadindo se que aquelle tratado nascia do medo, que o seu exercito tinha causado já nos animos dos Embuábas. Escandalizado Antonio de Albuquerque com a repulsa, lhes di-se que fossem; mas que advertissem que eraõ poucos para o que intentavaõ. Não falta quem diga que elles o quizerãõ prender, e que tendo aviso secreto deixara de ir a S. Paulo, como intentava: mas ou fosse esta noticia verdadeira, ou falsa, o certo é que elle por Paraty se retirou para o Rio de Janeiro, donde a toda a pressa fez aviso pelo caminho novo aos moradores das Minas, que viviaõ em um total descuido, do perigo que os ameaçava.

Marchou o exercito para o Rio das Mortes, que era o alvo aonde se dirigia a sua primeira vingança, e encontrando no caminho com alguns dos contrarios, que desciaõ das Minas a Paraty com as suas fazendas, não só os deixaraõ ir livres, mas ainda houve tal, que sabendo que um seu escravo tinha roubado a um destes viandante, o castigou asperamente, obrigando-o a restituir tudo o que lhe tinha tomado. Depois de dezeseis dias de marcha chegaraõ aos Pouzos altos, onde fizeraõ conselho de guerra; e como o fim, a que se dirigia, era escolher meio com que se restaurasse a repntaçãõ perdida, e as fazendas, que nas Minas tinhaõ deixado. assentaraõ não fazer damno a todo o Embuába que livremente rendesse as armas, julgando que com uma tão humilde açãõ se satisfiziaõ cabalmente tantos agravos.

Chegaraõ finalmente ao Rio das Mor-

tes, onde os forasteiros, avisados pelo Albuquerque, tinhaõ formado para sua defenza em uma eminencia, que distaria das casas da povoaçãõ um tiro de pedra, um fortim, no qual estavaõ recolhidos; e avistando estes as primeiras fileiras do exercito, que descia de uma serra, sahirãõ a rebel-os com animo determinado a paz, e á guerra: e como não admittiraõ os Paulistas as condições da paz, travaraõ uma brava escaramuça, que apartou a noite, sem mais perda de parte a parte do que a de alguns cavallos, ficando os Paulistas senhores das oasas e os Embuábas recolhidos no seu fortim, o qual cercaraõ logo os Paulistas continuando por quatro dias e noites as baterias com varios successos, e talando os gados, mantimentos, e tudo o que podia satisfazer a sua ira, e causar damno ao partido contrario.

Cercado o fortim, mandou o Governador Amador Bueno guarnecer as casas com alguma gente; e para que mellhor podesse attender ás necessidades dos cercadores, se retirou a uma alta atalaya com o resto das tropas. De noite intentaraõ os cercados queimar as casas, e não faltaraõ logo cinco Embuábas, que fingindo-se Paulistas fugidos do forte, se animassem á empresa, e pegassem o fogo, mas com taõ mau successo, que conhecendo os Paulistas o engano, lhes tiraraõ as vidas; e para evitarem novo accidente se conservaraõ d'alli por diante ambos os partidos em vigia. Ao amanhecer tornaraõ ás armas, e mostrou o successo que na mesma noite tinhaõ cuidado os Paulistas em queimar tambem as oasas do forte, porque de manhaõ viraõ uma guarita fabricada por João Falcão em um lugar, que desoortinava o interior do forte, de donde lhes lançaraõ tantas frechas accezas sobre as casas, que eraõ de palha, que atendo-se o fogo, foi mui difficil apagal o.

Mandou tambem Ambrosio Caldeira sa-

hir do fortim dezeseis cavallos; os quaes encontrando ao sair aos Paulistas, lhes deraõ uma valente carga, e os obrigaõ a buscar as casas, junto ás quaes se travou a escaramuça, ainda que com partido muito desigual, porque os Embuábas pelejavaõ em campo razo e a peito descoberto com alguns Paulistas, que dando a conhecer o seu valor se deixavaõ ficar no campo, retirando-se os mais ás casas, donde a peito coberto e com pontaria certa damnificaraõ muito aos Embuábas. Signalou-se nesta occasiaõ Francisco Bueno, a quem acompanhava um filho de poucos annos, cujo valor mereceu especial memoria; porque ferido com uma bala em um braço, respondeu ao pai, que o reprehendia de ter sahido ao campo, que para taõ generoso successo tinha entrado na pejeja. Signalou-se tambem Luiz Pedroso, e outros; e finalmente chegada a noite, e mortos quasi todos os Embuábas, apartou o escuro a contenda.

Acabado o choque, mandaraõ os Paulistas, que guarneciaõ as casas, pedir ao Bueno, que estava na atalaya com a maior parte do exercito, munições; mas achando-o os mensageiros com animo de levantar o cerco, e retirar se, ou porque o medo os incitava áquella resoluçãõ, ou porque se tinha mettido entre elles a discordia, voltaõ para as casas, desanimando muito com esta noticia aos que as defendinõ. Não faltaraõ logo alguns, a quem parecesse bem a resoluçãõ, e quizessem seguir o exemplo; mas Luiz Pedroso, sentindo o desmaio, lhes fez uma pratica, dizendo que estando a victoria nas mãos, seria cobardia deixar o inimigo já prostrado, e quasi renhido; e que ausentando-se o companheiros, caberia maior gloria aos poucos que venceassem: que para elles vencerem não eraõ necessarios mais, pois os tinha ensinado já a experiencia que sem elles tinhamõ até entãõ per-

lejado, e reduzido ao inimigo ao miseravel estado em que se achava; e que podendo elles só resistir a tantos, porque não poderia agora reuñer aos poucos, que restavaõ ã finalmente que no caso em que elles tambem quizessem pôr nodos na sua lama, deixando cobardes a batalha, que elle o não faria; pois lhe seria melhor ficar morto como valente no campo, do que apparecer com o desar de fugitivo em S. Paulo.

Animados com estas razões investiraõ ao fortim com tal furia, que fazendo muito fogo, e mettendo grande espanto, determinaraõ render-se os cercados. Houve tregõas para se ajuntarem as capitulações da entrega, offerecendo os cercados com as armas tudo o que se achasse no forte, contentando-se com que lhes permitissem os vencedores as vidas: mas como houvessem alguns Paulistas, que lembrados da mortandade do Capaõ, e esquecidos do assento que tinhaõ feito em Pouzos altos, de não fazerem mal aos Embuabas que livremente rendessem as armas, não quizessem aceitar mais condição do que tirarem a todos as vidas, não foi possível ajuntar-se nada. Por cartas, que lhes lançavaõ em frechas os Paulistas que estavaõ nas casas, sabiaõ os sitiados a má vontade que havia em alguns do arraial inimigo, e ainda assim continuaraõ a propôr algumas condições: mas como uns lhe concedessem as vidas, e outros lhes respondessem com os tiros das escopetas, pediraõ finalmente que ao menos deixassem sahir livres as mulheres e os meninos: mas era tal o orgulho e má vontade dos que já se suppunhaõ victoriosos, que nem isto quizerãõ admittir.

Passados dois dias, moyidos os cercados com a ultima desesperaçãõ, determinaraõ morrer antes pelejando no campo como valentes, do que perdir as vidas como cobardes no recinto do forte; e para darem

mostras da sua determinaçãõ, antanhoceu arvorado no terceiro dia um estandarte branco no mais alto da muralha. Persuadirãõ-se os Paulistas que era aquella oõe signal de entrega, e com as salvas de mosqueteria trataãõ logo de festejar: mas os cercados com os seus mosquetes e clarins declararaõ a tençaõ que tinhaõ de pelejar; e fazendo primeiro um ensaio dentro do forte, sahirãõ armados de espadas e pistolas, investindo com grande furia aos Paulistas, que os receberãõ mettidos nas casas. Persistiraõ algum tempo no campo, mas como do seu valor não tiravaõ mais fructo do que perderem, como valentes, as vidas, porque os Paulistas com pontaria certa e sem risco os acabavaõ, tocaraõ a recolher, sem mais fructo do que deixarem no campo alguns mortos.

Recollidos continuaraõ até à noite a peleja com as armas de fogo, tendo até entãõ perdido os Embuabas oitenta homens, e os Paulistas somente oito, com não poucos feridos, de que perigaraõ tambem alguns. Foi a causa desta notavel desigualdade a vigilancia que havia da parte dos Paulistas, e a destreza com que usavaõ das escopetas, pois apenas apparecia sobre a muralha alguma cabeça, quando logo com um peluro a faziaõ victima da sua ira: e como obrigaõ assim aos sitiados a pôr somente a bocca das suas clavinas sobre o muro, e a disparar sem pontaria, evitaãõ os danos, que tanto lamentavaõ os seus contrarios. Vendo finalmente os Embuabas que sem remedio perdiaõ as vidas, se resolverãõ entãõ ao ultimo exlorço, determinando sahirem todos no dia seguinte. Prepararaõ-se toda a moute, e deixando sobre a muralha uma imagem de S. Antonio, sahirãõ do forte ao amanhecer de um sabbado, com tal fortuna que já não acharaõ com quem pelejar; porque os Paulistas, ou discordes entre si ou temerosos com a noticia

de mil e trezentos homens, que do Ouro Preto marchavaõ a socorrer os sitiados, tinhaõ fugido naquella noite sem serem sentidos.

Foi voz constante que ao voltarem os Embuabas para o forte acharaõ a S. Antonio em outro lugar com uma bala engastada no cordaõ, e a uma imagem de N. Senhora com um milagroso suor; e que agradecidos ao seu bemfeitor o levarãõ em procissão, e o collocarãõ com grande jubilo no seo antigo lugar. Em quanto porêm se celebrava no forte a não esperada liberdade, caminhavaõ para S. Paulo os desertores com tal pressa, que chegando pouseo depois as tropas, que vinhaõ socorrer aos sitiados, ja não os encontraraõ, ainda que levados da funia militar lhes seguirãõ por oito dias os alcances. Com este mau successo não desmaiaraõ os Paulistas, antes como valentes Antheos cuidaraõ em alistar soldados, e eleger novos cabos: mas estando ja em bons termos a empreza, appareceu Antonio de Albuquerque com o governo de S. Paulo, e apertadas ordens d'ElRêi, para que fossem os Paulistas habitar pacificamente as Minas, impondo graves penas aos que primeiro violassem a paz; e entendendo o Soberano que animos generosos se deixaõ vencer com qualquer affago, lhes enviou pelo novo Governador um retrato seu, que ainda hoje se conserva na casa da Camara, para que entendessem que visitando-os daquelle modo, já que pessoalmente o não podia fazer, tomava aos Paulistas debaixo da sua real protecção. Com este singular favor se satisfizeraõ os Paulistas, e esquecidos dos aggravos passados depuzeraõ as armas

#### A EXPERIENCIA.

Na rua Duplessis, em Versalhes um mancebo, chamado Leopoldo Du-

tilleul estava á espreita como um atirador em settinella perdida, que espera o momento de surptender uma vedeta do inimigo. Escondido no angulo de uma porta cocheira, aguardava alguma cousa com a paciencia natural aos an antes e que sempre acaba por lhes furnecer a occasião que procuraõ e da qual elles sabem aproveitar-se. Quasi defronte do recanto, em que Leopoldo estava escondido, elevava-se uma linda casa que o mancebo não perdia de vista: a porta d'esta casa abriu-se, e sahio um official de lanceiros, ainda n'ôco, vestido com o seu grande uniforme: Leopoldo deixou-o passar ficando muito quieto. Alguns minutos depois sahio d'esta casa um homem já de idade, e apenas elle passou para outra rua, Leopoldo sahio de seu canto: bateu mansamento, e dando seu nome ao porteiro, subiu a um salaõ ricamente adornado, onde estava certo que havia de encontrar a pessoa que procurava. Com effeito alli se achava uma menina, sentada junto do fogão, e sustentando em suas niveas mãos um livro que folheava sem ler: logo que ella avistou Leopoldo, largou o livro, e com o cotovello apoiado no braço da cadeira, e a face encostada na mão, pôz-se a olhar attentamente para elle.

— Então, Cecilia! lhe diz Leopoldo.

— E então, meu caro Leopoldo! diz a menina com um ar triste.

— Bem o vês, Cecilia, eu estou perdido, não tenho já esperanza... e contudo tu amas-me.

— Aca-o o duvidas? replicou ella baixando os olhos.

O' meu Deus, não! diz Leopoldo; mas também eu não duvidava de teu pae; é verdade que elle nada me tinha promettido, mas via com gosto o nosso amor, e isto, é tudo me induzia a crer, que me acceptaria para genro: e tu vês o que aconteceu.

Dizendo isto, havia-se aproximado de Cecilia; e seu olhar, sua attitude, seus suspiros, tudo annunciava o mais violento amor.

— M. Dubois, meu pae, quer-me mais que a si mesmo, meu caro Leopoldo, e está disposto a dar minha mão ao homem que julgar mais proprio, por sua posição, e por sua fortuna, a fazer a minha felicidade.

— Mas o amor! exclamou o joven amante.

— Sim, o amor! replica Cecilia, é a unica cousa que vemos no mundo, nós que somos inócos; mas os paes têm outras idéas, elles põem o amor na classe das cousas futeis, passageiros, e...

— E tu podes crer que o amor que tento por ti se enfraquecerá?

Eu não, Leopoldo, é meu pae que tem essas idéas, tu sabes que M. de Marsan, capitão de lanceiros, novamente de guarnição em Versalhes, chegou antes de hontem.

— Sim, e eu esperei que teu pae e elle tivessem sahido de casa, para aqui entrar, te me-ia sido impossivel conter-me diante d'este odioso rival.

— O capitão de Marsan é filho de um intimo amigo de meu pae, está em relações mui intimas com meu irmão, que, como sabes, serve também na cavallaria. Os dous paes prometterão unir seus filhos, ou para me explicar melhor, o senhor de Marsan pediu este favor a meu pae, e o senhor capitão de lanceiros julgou que tinha

uma paixão violenta por mim.

— E o senhor Dubois, teu pae, não pode recusar cousa alguma aos senhores de Marsan, pae e filho?! perguntou Leopoldo palido e tremulo de cohera.

— E' verdade, responde a menina Dubois.

— E tu?

— Eu, amo-te, Leopoldo, mas toda a minha vida obedecerei a meu pae, e elle quer que eu case com o capitão. Não fallando de sua riqueza, e de suas qualidades exteriores, disse-me que se eu o recusasse, isso o malquistaria com o senhor de Marsan, um amigo de trinta annos. Além d'isso, pensa elle, que Gustavo de Marsan é o unico homem que possa fazer-me feliz; e accrescenta, que se eu não obedecer, elle não dará seu consentimento a nenhum outro casamento, e que morrerá de dôr.

A voz da senhora Dubois ia enfraquecendo a proporção que fallava, por fim os soluços suffocarão-na, e derramou uma torrente de lagrimas.

— Assim, tu me és roubada! exclamou Leopoldo; tu a quem eu amo, tu que eu adoro, por quem daria cem vezes a minha vida e sem a qual me será impossivel viver!!

— Eu serei victima da minha obediencia filial, repetiu Cecilia; eu obedecerei para não passar por má filha; mas eu amo-te, Leopoldo, só a ti é que amo.

Então Leopoldo levantou se, passou no salão com um ar afflicto, depois aproximando-se da sua amada, lhe disse:

— Não me esquecerás nunca?

— Nunca, Leopoldo.

— Mas obedecerás a teu pae?

— Farei todas as delicias para ver

se consigo fazer-o mudar de resolução.

— Mas confesso-te que não me parece um meio infallivel, disse Dutilleul com voz sombria.

— Diz, meu amigo, diz qual é!

— Eu me encarrego de o pôr em pratica.

— Deveras, tens tenção de fallar com meu pae?

— Não, Cecilia, eu fallarei com o senhor de Marsan.

— Que pretendes fazer meu querido?! armar uma pendencia por minha causa? comprometter-me, fazer de mim o prego de sangue, e condemnar-me ás lagrimas e á desgraça qualquer que seja o resultado do combate?! Oh! não, meu amigo, não! tomemos meios mais suaves. Vae ter com meu pae, falla-lhe do teu amor, e tambem do meu, que isso te permitto, e depois ataque-mos o senhor de Marsan por meio de considerações mais judiciosas, a que ha de ceder, se for homem de brios cavalheiros.

O joven amante não quiz escutar estes conselhos, enfureceu-se, disse que não podia viver sem a sua amada; que sabia muito bem que a vontade do senhor Dubois não mudaria, e que de Marsan não mudaria tambem de amor, pois Cecilia era muito bella para que alguém voluntariamente renunciasse á sua posse; que era preciso acabar com isto, desembaraçar-se d'um rival odioso, ou morrer aos seus golpes, terminando assim uma vida desgraçada.

— Então, amas-me tu muito? lhe disse, Cecilia chorando.

— Se eu te amo! Houve por ventura em tempo algum paixão mais violenta que a minha?... Fortuna... riquezas... futuro... eu daria tudo pela felicidade de um só momento, Ce-

ecilia; eu sou môço ainda, e posso esperar uma longa vida, pois bem! eu a daria toda por seis mezes, por tres, por dous... que digo? por um mez, com tanto que eu vivesse contigo durante esse mez.

— De que amor me priva meu pae? exclamou involuntariamente Cecilia. Então, acrescentou ella, se me acontecesse uma desgraça imprevista, se perdesse as minhas riquezas, meu pae... se a opinião me censurasse, se a calumnia lançasse uma mancha na minha reputação, esse amor, seria sempre o mesmo?

— E pôdes deixar d'isso? replicou Leopoldo. Toda a minha desgraça procede de tu seres rica, feliz, estinada... se assim não fosse o senhor de Marsan não te procuraria, e nós seriamos ditosos.

— Ouve, Leopoldo, replicou a menina, meu casamento com o senhor de Marsan está resolvido, mas ainda não está feito, temos ainda tempo, suspende por ora esses projectos de vingança que me fazem estreinecer, e permite-me que tente um ultimo esforço junto de meu pae.

Leopoldo Dutilleul sahio triste e irritado, e longe de seguir o conselho de sua amada, apenas chegou a casa, foi seu primeiro cuidado enviar um cartel ao seu rival; fechou depois a carta, poz-lhe o sobrescripto e deitou-se cheio d'estas idéas de desânio, que perturbão o somno: Sua noite foi agitada, elle dormio mal, e de madrugada já o seu criado o achou levantado.

— Leva esta carta á pessoa a quem se dirige.

O criado leu o sobrescripto, e respondeu a Dutilleul:

— O senhor de Marsan ! elle está na sala de espera e deseja fallar-lhe !

— Manda-o entrar.

O official de lanceiros entrou : vestia seu uniforme pequeno, e saudou Dutilleul com toda a politica e cortezia.

— Senhor, diz elle, eu não tenho a honra pe o conhecer, e tambem não meconhece a mim; entretanto na situação em que ambos estamos, deve achar-se bem natural a minha visita.

Dutilleul fez uma profunda cortezia, o official continuou :

— Meu pae é amigo intimo de M. Dubois ; eu tenho grandes ligações com seu filho, que serve no meu regimento ; estas relações levarão meu pae a desejar fazer-me esposar a filha do seu amigo, e eu abençoei o acaso que, trazendo-me de garnição a Versalhes, parecia facilitar esta união. Vi Cecilia e amei-a.... O senhor concordará facilmente em que isso não é difficil.

O senhor Dubois teve a bondade de informar-me que o tenhor Dutilleul amava sua filha, e que esta lhe correspondia ; mas um amante não duvida jamais de que seu amor será bem recebido, principalmente se este amante é novo, rico, de boa familia, e tem algumas qualidades phisicas ; porisso estou certo que me perdoará o ter conservado esperanças.

Eu estava decidido, senhor, a disputar-lhe a mão da senhora Dubois por todos os meios possíveis ; tinha por mim a amizade do irmão, o consentimento do pae, e mais tarde estou certo que teria o amor da filha.

— Senhor ?

— E' esta a minha opinião : e eu fallo-lhe assim para fazer-lhe comprehender que o senhor não entra em nada na minha nova resolução. Mudei de opinião ; renuncio a mão da senhora

Dubois, e entendi que a politica me prescrevia a obrigação de vir participar-lhe. Já não tem competidor, senhor, pôde casar com ella se quiser.

— Senhor.... muito obrigado, respondeu Dutilleul, perturbado por tal cumprimento ; mas poderia eu saber...

— Nada, senhor....

— Comtudo as razões...

— As razões que me determinarão são minhas, não respeitão a pessoa alguma, e assim não tenho que dar conta d'ellas, nem o senhor tem o direito de exigir informações : isso pertence ao pae e ao irmão da menina, e a estes eu sei o que hei de dizer. Tenho a honra de o cumprimentar. O senhor de Marsan fez com effeito uma grande cortezia e retirou-se.

Quando Dutilleul ficou só, lançou os olhos sobre a carta de desafio, que estava intacta sobre a sua banca, e pôz-se a reflectir profundamente.

Teria Cecilia fallado ao senhor de Marsan sobre seu intentado desafio? isso não era provavel. Retirar-se-ia o capitão de lanceiros com o receio de um duello? não, isso não era crível. Havia comtudo alguma cousa que obrigava o mancebo namorado a dar de mão a uma menina rica, bella e bem apparentada ; o que tinha descoberto o senhor de Marsan? algum defeito, alguma mancha... um enredo amoroso talvez... um erro... um amante... quem sabe! uma d'estas amizades criminosas, que deshonrão uma vida inteira....

Esta idéa era muito cruel para se demorar n'ella ; rejeitou-a pois, mas ella voltou, e elle se foi costumando apezal a no seu espirito, encarou-a de mil maneiras ; e havia-se demorado mais de uma hora n'esta meditação quando lhe vierão trazer uma carta. Era de

Cecilia Dubois, que se exprimia assim:

• Meu caro Leopoldo, vem depressa; eu creio que meu pae começou a estar pelo que é justo; de duas uma, ou tem esfriado a respeito do senhor de Marsan, ou comprehende que não é possível amar verdadeiramente uma filha, e contraria-a nas suas mais caras afeições. Vem, o momento é favoravel, e espera-te. CECILIA.

— O momento é favoravel, e espera-te Cecilia! exclamou Leopoldo Dutilleul depois de ter lido esta carta; eu o creio. Quando se retira um amante, é muito mais commodo o assegurar-se de outro; quando se perde um genro, não é máo ficar com outro á mão...

Ah! ah! Cecilia tentão teu pae esfriou-se a respeito do senhor de Marsan, que recusa casar comtigo, e melhor instruida do que eu, sabes tambem a causa. Ah! um pae que ama verdadeiramente sua filha não contraria o seu amor! A historia não está mal arranjada! por desgraça tua, esqueceu-te que hontem me disseste, que teu pae morreria de dôr se não casasse com o filho do seu amigo.

Dutilleul julgou-se trahido, julgou-se enganado. suspeitou que querião fazer d'elle tolo. Na sua opinião, a menina Dubois era mil vezes mais culpada que seu pae.

Em consequencia d'esta opinião tomou as suas disposições. seguiu para Paris, e lá tomou uma sege de posta, que o coduziu a Torená, a casa de um tio, que tinha, já velho.

Três mezes depois achava-se elle na formosa cidade de Tours, passeando de baixo de uma alameda de arvores magnificas; eis que viu approximar-se um official de lanceiros, que lhe pareceu já ter visto em outra parte; reconheceu finalmente, e correu ao seu en-

contro.

— Meu caro senhor de Marsan, lhe diz elle, quanto me alegro de encontrar-o aqui! espero que agora teiá a bondade de explicar-me...

— Senhor de Marsan! respondeu o official: engana-se, senhor. eu chamo-me Dubois. Ah! ah! ah! já sei! accrescentou o capitão Dubois, é o senhor Dutilleul. ah! ah! é um riso inextinguivel se apoderou do capitão.

— Porque é esse riso, senhor?

— Quer explicações? diz o capitão para isso não poderia dirigir-se melhor. Eu lhas dou.

Minha irmã amava-o, senhor: meu pae queria com effeito, casal-a com o senhor de Marsan, meu amigo, e eu levava muito em gosto este matrimonio: minha irmã porém resistia, insistindo em que o senhor tinha por ella um amor que nada poderia enfraquecer nem destruir: eu propuz uma experiencia. Sou eu quem fingio o papel de Marsan, e que pela experiencia a mais simples provei a Cecilia quão podia ella contar com o seu amor. O resto sabe o sr. O verdadeiro Marsan não chegou a Versalhes senão oito dias depois da sua partida. Elle é bello e amavel: não lhe custou muito fazer-se amar de Cecilia, e ha um mez que é seu marido.

Está contente, senhor?

Dutilleul não estava nada contente, mas não ousou affrontar um duello, cujo resultado teria podido augmentar a sua confusão. Disse para sempre adeus a Versalhes, e estabeleceu-se na Torená.

### População do Brasil.

O censo de 1798 deu lhe o numero de 3.000.000 de habitantes. Segundo o relatório dirigido ao Rei em 1819 contava se no

Brazil 3:617:900 habitantes.  
 813.000 brancos  
 1:728.000 pretos captivos.  
 426.000 mestiços mulatos, mame-  
 lucos, libertos  
 259.400 Indios de varias castas.  
 202.000 mulatos captivos.  
 159.500 pretos forros.

3:617:900 pessoas.

Desde então o senador José Saturnino da Costa Pereira em 1831 (*V. Dictionario topographico*) calcula em 3:800:000 indios viduos. De Humboldt eleva a 4:000:000 o total da população, e o Senhor Sturtz (*Statistical Review*) apresenta em 1835 hum total de 4:050:000 habitantes, e o senhor Fabregas Surigné em 1838 (*Almanak do Imperio*) hum effectivo de 4:206:000 habitantes.

MAPPAS DA POPULAÇÃO REPARTIDA  
 PELAS PROVINCIAS.

RIO DE JANEIRO.

Annos	Autoridades	Numero
1835	Segundo Sturtz.	450:000
1838	" Fabregas.	400:000
1840	Relatorio do ministro do Imperio.	430:000
1844.	Relatorio do ministro do Imperio.	436:483

BAHIA.

1835.	Sturtz.	650:000
1838.	Fabregas.	650:000
1845.	Diccionario de Milliet.	650:000

PERNAMBUCO.

1835.	Sturtz.	348 000
1838.	Fabregas.	3200:000
1842.	B. F. Gama. Memori-	

as historicas. 600:000

MARANHAO.

1835.	Sturtz.	213:000
1838.	Fabregas	200:000
1841.	Presidente, J.-A. de Miranda.	217:054

PARAÍ.

1835.	Sturtz.	176:000
1838.	Fabregas.	180:000
1842.	J.-A. de Miranda.	200:000

CEARA'.

1835	Sturtz.	186:000
1837.	Relatorio do ministro do Imperio.	199:510
1838.	Fabregas.	180:000
1839.	Pte., Joaõ A. de Miranda.	208:121

MINAS GERAES.

1820.	Spix et Martius.	621:885
1825.	Sturtz.	834:000
1838.	Fábregas.	760:000

S. PAULO.

1835.	Sturtz.	338:000
1838.	Brigadeiro Müller.	326:000
1838.	Fabregas.	320:000
1840.	Relatorio do ministro.	363:624

GRANDE DO SUL.

1834.	Visconde de S. Leopoldo.	164:600
1835.	Sturtz.	169:000
1838.	Fabregas.	160:000

SANTA CATARINA.

1835.	Sturtz.	56:000
-------	---------	--------

1838	Fabregas.	50:000
1841.	Ministro do Imperio.	66:228
1842.	C. Van Lede.	67:218

ESPIRITO SANTO.

1817.	Memoria de hum Capixaba.	24:587
1835	Sturtz.	44:000
1838	Fabregas.	46:000
1839.	Ministro do Imperio.	26:990
1844.	Ministro do Imperio.	31:498

SERGIPE.

1835.	Sturtz	128:000
1838.	Fabregas	120:000
1839.	Ministro do Imperio	167:387
1845.	Ministro do Imperio.	128:000

RIO GRANDE DO NORTE.

1835.	Sturtz.	46:000
1836.	Ministro do Imperio.	87:000
1838.	Fabregas	40:000

PARAHIBA DO NORTE.

1835.	Sturtz.	109:000
1838.	Fabregas.	100:000

ALAGOAS.

1835.	Sturtz.	126:000
1838.	Fabregas.	120:000

PIAUIY.

1835.	Sturtz.	68:000
1838.	Fabregas.	60:000
1839.	Ministro do Imperio.	92:000

GOYAZ.

1835.	Sturtz.	63:000
1838.	Fabregas.	60:000

1839.	Ministro do Imperio.	97:692
-------	----------------------	--------

MATO GROSSO.

1835	Sturtz.	46:000
1838	Fabregas.	40:000
1844.	Ministro do Imperio.	37:826

N. B. Difficil he conseguir exacto computo da populaçõ do Imperio, pois segundo certas autoridades o recenseamento dá hum calculo, e segundo outras encontra-se hum numero contrario. O censo do Senhor B.-F. Gama apresenta para a provincia de Pernambuco em 1842, 400:020 habitantes livres, sem dar conta dos escravos; o censo foi tirado em 1842 para a eleição da presente legislafura, pelo qual contaõ-se na provincia 120:004 fogos, a cada hum dos quaes dá-se cinco pessoas: a ecravatura diz o mesmo senhor excede muito pouco aos dous terços da populaçõ livre. Vê-se claramente que este calculo foi baseado sobre a precisã e manejos eleitoraes, e que equivale ao da provincia do Maranhãõ que deu quatro mil eleitores na mesma epoca. Basta para se convencer da difficuldade de tirar hum censo exacto da populaçõ de huma cidade ou de hum reino, de comparar os divergentes assentos dos geographos a respeito da populaçõ da capital do Imperio do Brazil.

Fabri.	30:000
Hassel.	120:000
Mawe.	100:000
Blackenridge.	90:000
Caldleugh.	125:000
Roussin.	120:000
Spix Martius.	110:000
Luccock.	76:000
Weech.	180:000
Shaffer.	210:000
Volger.	200:000

Ministro do Imperio. 97:162 e 137:000 para o municipio em 1838.

Fatregas em 1838 210,800

Milliet em 1845. 170:000

Este ultimo censo que se lê no *Novo dictionario geographico do Imperio d Brazil*, por Milliet e Caetano Lopes de Moura, parece exacto; elle dá 170:000 habitantes para a capital assim repartidos: 60:000 Brasileiros natos, e adoptivos: 25:000. Estrangeiros de varias nações: 85:000 Escravos de toda a côr e sex:

170:000

Pode ser calculada hoje a população do Imperio, de cinco milhões e meio a seis milhões de habitantes; os negros captivos montão a  $\frac{3}{5}$  pouco mais ou menos da população total. Conforme informação exactas ha no municipio neutro e na provincia do Rio de Janeiro hum milhão de escravos, e pôde-se sem exaggeração contar dous milhões no resto do Brazil.

#### DIVISÃO DOS ESCRAVOS.

Dividem-se os escravos da maneira seguinte :

Escravos empregados na lavoura	2:500:000
„ domesticos	100:000
„ sem officio	200:000
„ alugados.	200:000

TOTAL 3:000:000

*Do Anuario P. H. e estatistico do Brasil*

#### MODOS DE VIDA.

Um dia chegarão dois charlatães a uma pequena villa; mas como Cagliostro Mesmer e outras personagens importantes acabavão de se appresentar em Pariz, com o titulo de doutores, que pelo gesto e o contacto, curavão todas as moléstias, elles julgarão que era necessario fazer alguma cousa mais extraordinario para acreditar a sua sci-

encia. Anuncião-se pois, como tendo o poder de resuscitar os defuntos; e para que não haja duvida d'isto promettem restituir a vida no fim de tres semanas, em o cemiterio que se lhes quisesse indicar, a qualquer defunto que seja, ainda que tenha dez annos de sepultura. Entretanto rogão ao juiz da villa os mande guardar á vista para ter certeza de que nao fugirão; e que lhes seja concedida licença para venderem remedios, e exercerem as suas habilidades. Pareceu tao bella a proposição, que ninguem duvida em os consultar. Enche-se a sua casa de compradores; todos achão dinheiro para pagar a estes medicos de nova especie. O mais moço dos dois charlatães que tinha menos audacia, deo parte dos seus temores ao seu companheiro: "Apezar de toda a vossa habilidade, creio que nos expões a sermos pedrejados; por que, finalmente, não tãdes o poder de resuscitar os defuntos, e perdes, tendeis fazer mais do que o Messias mesmo, que não resuscitou Lazaro, senao depois de quatro dias. — Não conheceis os homens, replicou o doutor; eu estou mais socegado do que pensas."

Justificou-se a sua presumpção: mal tinha elle fallado, quando recebeu uma carta de um fidalgo da visinhança em que lhe dizia: "Sr. contarão-me que estais para fazer uma grande operação, que me faz tremer de medo. Eu tinha uma má mulher: Deos foi servido livrar-me d'ella, e hoje seria o mais desgraçado dos homens, se

„ vós a resuscitasses; por tanto ro-  
 „ go-vos não façaes uso do vosso se-  
 „ gredo na nossa villa; e aceiteis  
 „ uma pequena indemnisação de 50  
 „ Louises, que eu vos mando, etc.  
 Uma hora depois, chegarão a casa dos  
 charlatães, dois moços banhados em  
 lagrimas, offerecendo-lhes 60 Lou-  
 ises, com a condição de não usarem  
 do seu sublime talento, porque el-  
 les receavão da resurreição de um  
 parente velho cuja herança acabavão  
 de receber. A estes succederão outros  
 que tambem trouxerão seu dinheiro,  
 e por semelhante medo fiserão a mes-  
 ma supplica. Finalmente, o juiz mes-  
 mo veio dizer aos dois charlatães,  
 que não duvidava, de modo algum,  
 do seu poder maravilhoso do que  
 tinhão dado bastánte provas por mui-  
 tissimas curas extraordinarias; mas  
 que a famosa experiencia, que elles  
 estavam para fazer no dia seguin-  
 te, no cemiterio já tinha amolina-  
 do toda a villa, que receava-se mui-  
 to ver resuscitar defuntos cuja  
 volta podia causar grandes revoluções  
 nas fortunas; e em consequencia dis-  
 so, rogou-lhes que partissem, offer-  
 cendo lhes uma attestação feita com  
 todas as formalidades, na qual const-  
 taria que elles verdadeiramente re-  
 suscitavão os defuntos. Com effeito  
 foi assignada, firmada, legalisada a  
 dita certidão; e os dois companhei-  
 ros carregados de dinheiro, forão mos-  
 trando por todas as províncias a prova  
 legal do seu talento sobrenatural.

(Publicação a pedido de um assi-  
 gnante).

## CHARADA

Os hospedes meus não fallão 2  
 Faço a grande pequenina. 2

## CONCEITO.

Chamo a ricos, chamo a pobres;  
 Desterrei das casas nobres  
 A quinhentista busina.

Rogamos aos srs. assignan-  
 tes que ainda não pagarão  
 cousa alguma da sua assigna-  
 tura; aos que devem dous  
 annos e meio; e áquelles que  
 não saldárão as suas contas  
 quando terminou a remessa  
 das folhas, a bondade de con-  
 sultarem a relação destas di-  
 vidas, que, para seu me-  
 lhor conhecimento, distribu-  
 imos avulsa com o n.º 72.

Rogamos igualmente aos srs.  
 assignantes que alli não forão  
 mencionados, e que devem  
 um e dous annos da sua as-  
 signatura, o obsequio de man-  
 darem satisfazer a importancia  
 respectiva.

A charada do n.º antecedente ex-  
 prime a palavra — Aipo.

## CORRESPONDENCIA.

Rogo-lhe o favor de admittir na sua folha, para ter a devida publicidade, a presente Tabella, ou regulador dos valores da Prata, que foi o segundo metal a que os homens derão estimação, e descoberta por Mercurio 5.º mui proximo ao Monte Pangeo em Tracia.

A Prata nasce em muitas partes das Indias, de Hespanha, e tambem em as faldas da Serra Morena, e Guadalcanál, muito nomeada, e rica mina que em nossos tempos appareceo, donde sahia a Prata pura, que sem trabalho se reduzia á sua maior fineza.

A Prata é um metal branco, e claro brilhante, de textura solida, e por consequente capaz de bom polido; vence em malleabilidade, e ductilidade a todos os demais metaes, excepto ao Ouro.

A Prata é de menos valor que o Ouro na proporção (regulada na Lei de 4 de Agosto de 1688 que subsiste, até hoje) como de 1 para 16.

A Prata divide-se em dous generos; uma perfeita, e outra imperfeita: a perfeita é a que é pura sem mescla incorporada em si d'algum outro metal; a esta chamamos de 12 Dinheiros, e della se acha alguma; a outra se refina com chumbo por copellação.

A Prata imperfeita é aquella que não chega á sua maior fineza, em razão de ter em si incorporada liga de cobre, e alguma de mistura com latão, que faz declinar da sua perfeição descendo-a de valor.

A Tabela que abaixo apresento, instruirá o justo valor da Prata no peso de um marco, no de onça, e no de uma oitava reduzido do de dose dinheiros a um dinheiro, em concordancia, com o actual valor do Ouro na proporção de 1 como para 16.

(Segue-se a Tabela do valor da Prata)

Dinheiros.	Valor do Marco.		Valor da Onça.		Valor da Oitava	
12	17,454	6 11 avos	2,181	9 11 avos	272	8 11 avos
11	16,000		2,000		250	
10	14,545	5 " "	1,818	2 " "	227	3 " "
9	13,090	10 " "	1,636	4 " "	201	6 " "
8	11,636	4 " "	1,454	6 " "	181	9 " "
7	10,181	9 " "	1,272	8 " "	159	1 " "
6	8,727	3 " "	1,090	10 " "	136	4 " "
5	7,272	8 " "	,,909	1 " "	113	7 " "
4	5,818	2 " "	,,727	3 " "	090	10 " "
3	4,363	7 " "	,,545	5 " "	068	2 " "
2	2,909	1 " "	,,363	7 " "	015	5 " "
1	1,454	6 " "	,,181	9 " "	022	8 " "

Esta outra Tabela que annexa se apresenta, do valor do Ouro por Quilates alternados é para provar como corresponde o valor da Prata na razão de um para 16 com o do Ouro, o que se evidencia nas duas Tabelas; pois que multiplicando-se qualquer das addições das columnas da Tabela supra do valor da Prata pelo multiplicador 16 indicador de Marcos, ou de Onças, ou de Oitavas, o producto que der qualquer multiplicação, se é o mesmíssimo já reproduzido nesta outra Tabela, na mesma columna, e addição.

Quilates.	Dinheiros	Valor do Marco.		Valor da Onça		Valor da Oitava	
24 ou	12	279,272	8 11 avos	34,909	1 11 avos	4,363	7 11 avos
22 ou	11	256,000		32,000		4,000	
20 ou	10	232,727	3 " "	29,090	10 " "	3,636	4 " "
18 ou	9	209,454	6 " "	26,181	9 " "	3,272	8 " "
16 ou	8	186,181	9 " "	23,272	8 " "	2,909	1 " "
14 ou	7	162,909	1 " "	20,363	7 " "	2,545	5 " "
12 ou	6	139,636	4 " "	17,454	6 " "	2,181	9 " "
10 ou	5	116,363	7 " "	14,545	5 " "	1,818	2 " "
8 ou	4	93,090	10 " "	11,636	4 " "	1,454	6 " "
6 ou	3	69,818	2 " "	8,727	3 " "	1,090	10 " "
4 ou	2	46,545	5 " "	5,818	2 " "	727	3 " "
2 ou	1	23,272	8 " "	2,909	1 " "	363	7 " "

Feitas e concertadas pelo 2.º Ensaeador do Ouro das Repartições extintas. — Ouro Preto 24 de janeiro de 1848. — Agostinho Antonio Tassara de Padua,

# ANNUNCIOS.

Vende-se hum sitio denominado *Montanhas*, distante meia legua da villa de Caethe comarca do Rio das Velhas, na provincia de Minas Geraes com huma porção de terras de plantas e de pastaria iguaes em extensão pouco mais ou menos a huma sesmaria, com restingas de matto virgem capoeiras, muita e boa aguada, hum grande barreiro do melhor barro preto hum novo predio beir construido do comprimento de cento e triota e tres palmos e hum terço e de quarenta palmos de largura, coberta de telha destinada ao fabrico de louça com algumas rodas, prateleiras, mezas, etc., etc. Tem mais huma boa chacara annexa com casa de vivenda, senzallas, estribaria, hum grande rego d'agua tirada do correço soberbo dentro do mesmo sitio, que o atravessa, e muitas plantações de cafezeiros, bananas arvores fructiferas indigenas e da Europa amoreiras brancas para a creação de bixos de seda, etc. etc.

Quem pertender fazer aqjuisição do dito sitio, com seus annexos, poderá dirigir-se na dita villa de Caethe ao Ill. snr. s. mór Gaetano de Sousa Telles Guimaraes, em maos de quem se achao depositados os respectivos titulos e que tem plenos poderes para tratar da venda.

O proprietario propõem ceder ao comprador destes bens todo o seu direito em tres loterias concedidas pela assembléa legislativa provincial em 1845, a beneficio d'huma fabrica de louça fina que se tencionava estabelecer no dito sitio.

Fugto no dia 12 de Agosto de 1847 do Cuiathe, hum escravo por nome Adão pertencente a huma Orpha filha do finado Tenente Joaquim Rodrigues de Vasconcelos. Os signaes são os seguintes: pardo trigueiro, estatura ordinaria, corpulento, olhos ordinarios bem barbado, bons dentes, entradas grandes, tem hum golpe de ferro cortante sobre a testa, pescoço curto, e em huma das pernas hum signal de ferida, idade pouco mais ou menos 40 annos, he costumado a tomar aguardente, e jogador. Consta ter sido visto pelas partes do Serro. Quem o prender dirija-se ao sur. major Cassimiro Carlos da Cunha Andrade, na villa da Itabira; levando-o ao dito snr. mencionado, receberá 50,000 rs.—Ouro Preto, 11 de fevereiro de 1848 — João Rodrigues da Cunha.

Na Livraria de Bernardo Xavier Pinto de Sousa, estabelecida no Ouro Preto, vende-se o Regimento pelo qual se regulão os emolumentos que competem aos juizes de direito, juizes municipaes e de orphãos, delegados e subdelegados de policia partidores, distribuidores, contadores, escrivães, tabelliães e officiaes de justiça.